

A Imago Dei na Antropologia de Pannenberg

Agora, chegamos à etapa final de nossa pesquisa. A partir do que foi visto até aqui, aprofundaremos a compreensão de Pannenberg sobre a doutrina da imago Dei. Veremos que para ele não se pode abordar a criação desconectada da existência de Jesus, ou seja, a doutrina da criação não pode prescindir da cristologia. Desta forma é preciso levar em consideração as afirmações veterotestamentárias à luz das neotestamentárias, o que faz com que na antropologia teológica pannenberguiana, a figura de Jesus tem uma importância capital. Conforme o testemunho do *Novo Testamento*, Ele é o Filho eterno do Pai, que veio ao mundo com a missão de transmitir sua condição de filiação aos demais homens.

Em Jesus o Logos preexistente implícito e escondido em sua humanidade revela a salvação divina, de modo que os testemunhos neotestamentários o classificam como a verdadeira imago Dei, a imagem divina modelo, em que todos os homens deverão ser transformados pela ação do Espírito divino. Compreensão que já foi explicitada no início da história cristã pelo grande Padre Apostólico Irineu de Lião, que criou as categorias imagem modelo e cópia. As palavras ditas acima iluminam um pouco a postura de Pannenberg ao entender o sentido salvífico da vinda e da encarnação de Jesus sob um prisma escatológico. Como a realização antecipada do destino e do futuro do homem, essa postura se baseia no fato que todo o *Novo Testamento* fala veementemente sobre o sentido salvífico da encarnação de Jesus vinculado a sua filiação. A salvação é tematizada em *Jo 1, 12* com as seguintes palavras: “... aos que o receberam deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus...¹”. Porque através da total abertura de Jesus (*o Filho*) a Deus (*o Pai*) e ao mundo, realiza-se o destino para o qual o homem foi criado que consiste na comunhão com seu criador.

¹ *Novo Testamento Almeida Século 21*. São Paulo: Vida Nova, Evangelho segundo João 1, 12.

Conseqüentemente começamos intencionalmente esta introdução, falando primeiramente do conteúdo da segunda parte deste capítulo e mostrando que de modo algum, no pensamento de nosso teólogo podemos falar da Imago Dei no homem Adão isoladamente, sem relacioná-la com a existência do Filho preexistente que se manifestou na história através vinda de Jesus. Porque já vimos anteriormente que o destino do homem criado segundo a imagem de Deus só se mostra com total clareza na vida e na mensagem do Cristo, pois a salvação proporcionada pelo Pai está ligada à manifestação do Filho na carne, para vencer o pecado e a morte. E tal manifestação também está vinculada com a questão do sentido e do destino da vida humana, que é a comunhão com Deus².

Tal destino foi plenamente vivido e realizado prolepticamente por Jesus, já que foi o único homem que viveu plenamente a realidade para a qual todo homem foi criado, a comunhão com Deus. Veremos ainda neste capítulo mais uma característica interessante da teologia de nosso autor, que é a ênfase de que essa comunhão insuperável vivida por Jesus, só é possível a partir de sua condição filial, a condição filial que não significa a anulação pessoal de Jesus, mas que se dá principalmente através da preservação de sua auto-diferenciação em relação ao Pai. Assim, podemos dizer que por meio da auto-diferenciação vivida concretamente por Jesus, a relação do ser humano com Deus se realiza bem como o destino último de sua criação.

Resta-nos ainda falar do que será abordado na primeira parte da etapa final deste estudo. Começaremos aprofundando o significado teológico das características ontológicas do homem, características que o diferenciam do restante das criaturas e o colocam numa posição de destaque, fazendo com que ele seja visto como a coroa da criação. Em seguida abordaremos o motivo dessas características ontológicas, que lhe fornecem a comunhão com Deus e que são concebidas por Pannenberg como a essência de sua imagem divina. E por último entenderemos a classificação de Adão como imagem-cópia, que foi criado não para permanecer no seu estado inicial, mas para ser moldado conforme a imagem de Jesus Cristo, que é a perfeita expressão do ser de Deus.

² PANNENBERG, W., **TS2**, p. 233.

Neste último capítulo faremos várias inter-relações com as afirmações anteriores, de modo que possamos aprofundar melhor na antropologia teológica de nosso teólogo e compreender suas afirmações bíblicas e teológicas sobre a criação do homem segundo a imagem divina.

4.1.

A Imago Dei em Adão

4.1.1.

Homem, Uma Criatura Diferente

Ao olharmos para toda criação de Deus, podemos facilmente enxergar que há nela um ser que se distancia grandemente dos demais, um ser ímpar devido as suas peculiaridades que são: sua estrutura biológica, sua complexidade, suas capacidades diversas e sua liberdade em interagir com o mundo que o cerca. Este ser é o homem, que segundo o relato bíblico, é a única criatura que foi criada por Deus segundo a sua própria semelhança. Como vimos no capítulo anterior, muitas culturas antigas, senão todas, reconhecem no homem tal dignidade. Cícero, já antes da era cristã, mesmo que tenha enfatizado somente a razão humana, enxergou no homem essa posição de destaque. Ao focalizar somente na razão, Cícero não alcançou a magnitude da dignidade do homem na mesma profundidade alcançada pelo relato sacerdotal, que falou ousadamente que o homem é semelhante a Deus. Assim pelo fato de afirmar que a criação do homem aconteceu mediante este fator decisivo, concedeu um valor eterno da dignidade humana.

Ao dar um significado inédito à dignidade do homem, o relato sacerdotal se distancia da compreensão das demais culturas, ao defender a partir da dignidade peculiar do homem a inviolabilidade da vida humana como retrata o texto bíblico de Gênesis (9,6). Vejamos agora em que consiste essa inviolabilidade peculiar do

homem, levando em consideração juntamente com o relato sacerdotal as afirmações neotestamentárias. A primeira observação que podemos fazer é que Pannenberg ao considerar essa dignidade sempre estreitamente ligada ao destino, a saber a sua comunhão com Deus, aprofunda o seu significado através da reconciliação entre o homem e Deus feita em e por Cristo³.

Pois em Cristo se torna evidente a magnitude da dignidade com que o homem foi criado, que o torna alvo do incondicional amor divino, fazendo com que o próprio Deus tome a iniciativa de ir ao encontro do homem, ou seja, por causa dessa dignidade, Deus ama o homem mesmo antes de ser por ele amado. Deus toma a iniciativa de amar cada pessoa, interpelando cada indivíduo que na sua história individual distancia-se dele. O amor incondicional divino fica explícito nas parábolas do bom pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura por toda casa a dracma perdida e também do pai que recebe com amor e alegria o filho que o abandonou. Dessa forma podemos dizer que a fé cristã aprofundou ainda mais a dignidade que o relato sacerdotal deu ao homem. Por isso, Pannenberg é capaz de afirmar que a mais profunda compreensão da dignidade do homem é a cristã, e que os textos vétero e neotestamentários dão ao homem uma dignidade e valor eterno⁴.

Pannenberg observa que podemos encontrar as raízes dessa compreensão cristã do valor eterno da dignidade humana no humanismo judeu e na religião judaica. Pois essa idéia se desenvolveu no período posterior ao desterro, quando ocorreu na mentalidade do povo israelita a eliminação do sentido de participação na vida comunitária. De fato, a crença religiosa judaica ensinava que um indivíduo estava passivamente sujeito a culpabilização pelos erros cometidos por terceiros⁵. No entanto a atitude do profeta Ezequiel ao falar que Deus não culparia um pelo erro do outro, e sim cada um por seu próprio erro, provocou não só a ruína da crença no vínculo entre o indivíduo e a comunidade, mas também uma reação da fé judaica, que por causa do seu arraigado senso da justiça divina,

³ PANNENBERG. Wolfhart, *El Destino Del Hombre*. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1981, p. 12.

⁴ *Ibidem*, p. 13.

⁵ Tem-se uma versão atual deste pensamento na teologia protestante de viés reformado, que é o postulado da solidariedade da raça. Visão em que o indivíduo está espiritualmente ligado ao grupo, de forma que Adão é visto como o representante de toda a humanidade. E no seu ato pecaminoso toda a humanidade se fazia participante.

afirmou que a retribuição dos atos humanos se daria numa vida ulterior, consistindo este fato o início da crença na ressurreição dos mortos, que portava o único objetivo de proporcionar um acerto de contas do indivíduo com Deus⁶. Assim, por causa de seu objetivo único de acerto de contas, a ressurreição chegou a ter tamanha importância para o indivíduo a ponto de ocupar o centro de sua vida.

Os primitivos teólogos por causa da aceitação da magnificência de Adão, ou seja, de um estado de perfeição original, entenderam que a imortalidade e a incorruptibilidade consistem somente num aspecto parcial do destino do homem para comunhão com Deus. E assim desvalorizaram o aspecto eterno da dignidade humana, desvinculando o destino do homem da manifestação do Filho eterno. No entanto, ressalta Pannenberg que se o destino do homem vem dado em sua criação à imagem de Deus, a sua descrição deve também ter em conta as implicações da sua relação icônica com Deus. Seguindo este raciocínio o destino futuro realizado na vida de Jesus ilumina o seu estado presente e auxilia a compreensão de sua personalidade, pois tal destino de Jesus constitui o modo em que o destino futuro do homem se manifesta atualmente.

Conclusão

Ainda uma observação de Pannenberg: no platonismo a alma não se identifica com a vida concreta do indivíduo e assim a encarnação não dá à alma humana nem importância, nem valorização eterna. Em contrapartida, a fé cristã fala de um Deus que ama ao indivíduo independentemente de seus atos e através dessa afirmação enfatiza a radicalidade do amor divino, que é explicitamente expressa na morte de Jesus na cruz. De modo que podemos afirmar que o amor que Deus tem pelo homem, também o diferencia do restante da criação.

Pois ao relacionarmos o incondicional amor de Deus que continuamente interpela o homem, entendemos que as características ontológicas do homem

⁶ PANNENBERG, W., El Hombre como Problema, p. 1.

dadas pelo seu próprio Criador, além de lhe proporcionarem uma dignidade eterna, também consistem em lhe propiciar a condição necessária para responder à interpelação divina. Deste modo o homem se diferencia da criação em vários aspectos e por causa disso deve assumir um múnus com relação à criação.

4.1.2.

Adão, a Imago Dei Cópia

Como vimos anteriormente, a verdadeira imagem de Deus se realiza em Cristo que é o modelo. Essa posição de Pannenberg está em consonância com o pensamento da vertente oriental do cristianismo, que enfatiza que em Jesus Cristo acontece a divinização do homem⁷. Essa conclusão está em parte baseada na reflexão que Irineu deu ao tema da imago Dei. Pois ao conciliar o testemunho bíblico, ele entendeu que nos relatos de Gênesis (1.26; 5,1 e 9,1) o homem não é qualificado já como a imagem de Deus, mas foi criado *segundo* ela. Essa valorização dada aos termos “segundo a imagem” e a distinção que faz entre os termos imagem e semelhança permitiu a Irineu falar dois tipos de imagem: a imagem-cópia e a imagem-modelo. Entretanto a posição de Irineu de uma distinção categorial entre os termos imagem e semelhança é rechaçada pelo nosso autor, pois ele, assim como os reformadores e a exegese protestante, entende como sinônimas as expressões imagem e semelhança.

No entanto Pannenberg lança mão da conclusão de Irineu sobre a existência de dois tipos de imagem, refletindo sobre como se relaciona a imagem-cópia humana com a imagem-modelo divina. Ao entender que para se responder adequadamente a essa questão é preciso tecer algumas considerações sobre a realidade da imagem, faz duas observações: a primeira é que ela tem a função de representar o modelo, a segunda é que para representá-lo precisa assemelhar-se ao reproduzido⁸. De forma que afirma que quanto maior a semelhança com o modelo, mais clara é a imagem, e mais intensa a presença do modelo nela.

⁷ MIRANDA, M. F., Op. Cit., p. 21.

⁸ PANNENBERG, W., TS2., p. 249.

Aplicando esse raciocínio à leitura dos relatos bíblicos, e também sob a influência concepção evolutiva, Pannenberg afirma que só em Jesus Cristo se dá a consumação da imagem divina, pois Ele é a expressão exata do ser de Deus, realizando em si o destino do homem enquanto criatura⁹. Irineu fala de uma semelhança em graus distintos de intensidade de modo que para ele depois da transgressão, Adão pôde perder a semelhança e permanecer com a imagem. Isso porque Irineu ao conceber certa semelhança de Deus já em Adão viu que a sua consumação ou plenificação aconteceria somente em Cristo.

No entanto, Pannenberg opõe-se veementemente à afirmação de Irineu que fala em graus distintos de intensidade. Pois se a imagem não conservar a semelhança, não pode ser considerada imagem, já que não é capaz de representar o reproduzido. Seguindo essa lógica ele diz que o homem é sempre imagem de Deus, mas não na mesma medida, entendendo que a imagem divina no homem está em devir. Sua postura dá base para dizer que no começo da humanidade por causa do efeito do pecado, a semelhança ficou ainda mais desfigurada. No entanto ela nunca foi a reprodução da imagem divina, pois só na pessoa de Jesus Cristo manifestou-se com total clareza a imagem de Deus.

Conclusão

Partindo do princípio de que a semelhança é indispensável para representar a imagem, a criação do homem à imagem de Deus deve sempre estar vinculada à plena realização da semelhança. Realização estreitamente ligada ao destino do homem e que se concretizou historicamente em Jesus Cristo, para a participação de todos os homens¹⁰. Diante do que vimos podemos afirmar que a imagem de Deus não se realizou plenamente desde o começo dos tempos na história da humanidade. Pannenberg usa o verbo plasmar para falar do processo em que Deus através da história individual molda o crente à imagem de seu Filho. Assim, como podemos perceber Pannenberg trabalha a doutrina da imagem seguindo em parte

⁹ Ibidem, p. 242.

¹⁰ Ibidem, p. 250.

os passos de Irineu, que falava da existência de duas imago Dei, a cópia e a modelo¹¹.

4.1.3.

Imago Dei, o Substrato da Abertura ao Mundo

A partir das informações que temos visto até este momento, temos condição de chegar a algumas conclusões sobre o homem. Levando em conta toda a sua realidade concreta e a sua complexa existência, concluimos que ele consiste num movimento retilíneo para Deus. E por causa desse dinamismo, Pannenberg define a imago Dei como o substrato deste movimento, ou seja, o substrato da transcendentalidade. Podemos ainda fazer outra observação sobre a imagem divina, ressaltando que ela é em parte dom natural e em parte possibilidade existencial. Tais características são empregadas pela providência divina, fazendo com que o homem através do finito, ele ponha-se em comunhão com seu Criador.

Vejamos agora como a imago Dei se faz presente no homem marcando-lhe a existência e conduzindo-o ao destino predeterminado por Deus no momento da criação. Quando falamos sobre a imago Dei ou a transcendentalidade humana devemos lembrar que ela também foi vivida por Jesus, em sua condição filial. Esse fato nos dá condição de afirmar que, ao assumir como Filho a natureza humana e abrir-se para Deus, Jesus exerceu correta e plenamente a capacidade do homem de auto-distinguir-se de Deus, tornando-se exemplo concreto da relação do homem com Deus para todo o gênero humano porque em toda a sua vida nunca caiu na tentação de ser igual a Deus, como fez o primeiro Adão.

Sobressai aqui a importância do Logos como o capacitador do homem para que ele desenvolva sua auto-referência. Consistindo no princípio generativo da particularidade do homem, o Logos funda e governa tanto a singularidade, como a vida consciente de cada indivíduo. Tal fato nos leva a concluir que na sua vida

¹¹ Ibidem, p. 249.

consciente o homem se acha de modo específico em posseção do Logos, que lhe concede a possibilidade de conhecer a si mesmo e a realidade que o cerca¹². Então na encarnação do Logos divino em Jesus de Nazaré, a revelação do destino criacional do homem é plenificada. Entretanto não devemos pensar que essa relação entre a plenificação do destino do homem e a encarnação do Logos, se dá numa correspondência linear entre disposição e realização¹³. O motivo para a falta de correspondência está no fato que os homens que ainda não se encontraram com Jesus estão restritos a ter somente idéias gerais sobre a sua natureza e seu destino, estando o verdadeiro conteúdo dessas completamente vinculado ao encontro com Jesus.

Outra característica da imago Dei no homem é que ela faz dele um ser relacional, capaz de desenvolver vários tipos de relação. Um ser que foi criado com o objetivo de desenvolver uma relação intensa com Deus, com o finito que significa consigo mesmo enquanto pessoa e espécie, com as demais criaturas e com toda a realidade que o cerca, representando no mundo o senhorio do próprio Deus. Isto porque enquanto imagem de Deus, o homem se acha destinado a honrar e buscar a Deus através do mundo criado, reconhecendo o senhorio d'Ele sobre si e sobre toda a realidade. Assim ele é incumbido desse múnus, por mais soterrada que esteja sua transcendentalidade em casos concretos¹⁴.

Essa disposição intrínseca do homem em se relacionar é tão perceptível, que também foi constatada através da análise antropológica. A antropologia moderna define o homem como um ser excêntrico ressaltando que ele, diferentemente dos animais, possui uma percepção do mundo que não está predeterminada pelos instintos recebidos em sua geração, ou seja, por sua estrutura biológica. Desta forma como possuidor de uma abertura ilimitada ao mundo em que vive, cabe somente a ele decidir em que circunstância vai por em marcha a sua vida, como vai buscar o seu destino. Isso porque nem o mundo da natureza, nem o da sociedade constituem o critério de inquestionável validade para sua vida. Sendo assim, é mediante essa indescritível e total abertura que o homem está durante

¹² Ibidem, p. 331.

¹³ Ibidem, p. 334.

¹⁴ Ibidem, p. 261.

toda a sua vida direcionado para o infinito, e caminha incessantemente para chegar até Deus¹⁵.

Conclusão

Diante do que vimos acima podemos afirmar que a posição destacada proporcionada pela imago Dei no homem é percebida, tematizada e descrita de várias formas dentro da história, como também dentro do texto bíblico e da teologia cristã. No entanto podemos concluir que a realidade da imago Dei além de ter uma consequência ontológica ligada ao seu destino futuro, tem uma consequência ontológica que determina a sua forma de viver, impulsionando o homem a através do mundo que o cerca, buscar a comunhão com Deus, comunhão que foi vivida e plenamente realizada, de forma proléptica por Jesus. Por isso Ele é entendido por Pannenberg como a verdadeira imagem de Deus, a imagem modelo como já tinha afirmado em seu tempo Irineu de Lião. Pois ao realizar na história o destino do homem, ou seja, antecipar no mundo o seu futuro, Jesus é visto como o autêntico homem, como único que numa abertura total a Deus, viveu totalmente a realidade para a qual todo homem foi criado.

Da mesma forma que a imago Dei não se realizou plenamente no início da história humana, mas só aconteceu plenamente em Jesus, Pannenberg coloca a idéia de uma imago Dei em devir como um destino que não está acessível através da pura atuação humana. Pois só quando o homem se entende distinto de Deus, em sua finitude é que se aceita como criatura frente a Deus, tributando a Ele a glória devida, e distinguindo-se de todo o finito¹⁶. Devido a essa abertura constitutiva, o homem chega a pensar poder alcançar seu destino de comunhão com Deus para participar da vida divina, pois esse desejo de ser como Deus faz parte de seu destino, sendo então algo tentador para ele. Entretanto a auto-afirmação do homem só pode acontecer quando ele é elevado sobre si mesmo pelo Espírito de Deus.

¹⁵ PANNENBERG, W., **EhcP.**, p. 81.

¹⁶ PANNENBERG, W., **TS2.**, p. 265.

Esse Espírito leva-o a seguir o exemplo dado por Jesus através de seu modelo de obediência, conduzindo-o a configurar-se à imagem do Filho. Ele se auto-diferenciou do Pai podendo assim ter uma comunhão que serve de modelo para o gênero humano. É por isso que ao entender que a criação do homem deu-se segundo a imagem de Deus, o que implica como seu destino a comunhão com Ele, faz-se necessário considerar a encarnação do Logos de Deus em Jesus como o cumprimento deste destino¹⁷. Pois essa abertura não se opõe às possíveis limitações que podem alcançar os homens devido às diversas situações onde possa se encontrar, até mesmo alguma que conduza ao fechamento em si mesmo. Ela não pode ser identificada de antemão como uma referência a Deus presente já na consciência. A encarnação ilumina a abertura com que é dotado todo homem de tal modo que, ignorando ou rejeitando a pessoa de Cristo, o homem possa aderir a diversas formas de expressão ou fechar-se para Deus. Sendo possível somente através da consciência histórica de Deus, fato que explica as diversas formas de religiosidade e também o fechamento existencial frente a Deus¹⁸.

4.2.

Cristo, a Imago Dei Modelo

Vamos nos deter mais na pessoa de Jesus Cristo, primeiramente vendo Jesus como o homem verdadeiro. Jesus é tido como o verdadeiro homem, que cumpre em sua vida o propósito predeterminado na criação. Depois veremos que Jesus é o Filho preexistente do Pai, n'Ele o Logos que se encarna, assumindo a realidade humana. E por fim aprofundaremos a implicação salvífica da encarnação, pois ao assumir a realidade humana, Jesus está cumprindo o plano do Pai em salvar toda a humanidade.

4.2.1.

¹⁷ Ibidem, p. 259.

¹⁸ Ibidem, p. 264.

Jesus o Autêntico Homem

Para Paulo o primeiro Adão é caracterizado como alma vivente e o segundo como Espírito vivificante¹⁹. Essa afirmação segundo Pannenberg está baseada na idéia da criação do homem segundo a imagem divina, vinculada ao discurso sobre o homem escatológico. Assim o segundo homem manifestado em Jesus Cristo, revelou-se como a verdadeira imagem de Deus, uma imagem que pelo Espírito, todos os crentes são chamados a participar²⁰.

Pannenberg compreende assim que Jesus é a realização antecipada do futuro do homem, devido à sua total abertura a Deus e ao mundo, que constitui a prova de que Ele é a verdadeira imagem de Deus. Dessa forma ele entende que na criação, a imagem divina em Adão tinha um caráter inconcluso o que se estende a todos homens. Pannenberg cita Ritschl, teólogo de grande renome que entende a partir de Jesus Cristo o caráter inconcluso do homem. Este rechaçou a idéia de um estado de perfeição do primeiro homem, porque segundo seu entendimento tal compreensão dá margem a considerar a pessoa de Cristo como uma manifestação irregular da história humana, sendo concebido somente como um representante da reação divina contra o pecado e não como o consumidor do destino para o qual o homem foi criado²¹.

Segundo a antropologia de Pannenberg é imprescindível que se entenda Jesus como o realizador do destino do homem, porque a criação do homem à imagem de Deus implica primeiramente a sua condição de alcançar seu destino, que é a comunhão com o Deus eterno. Na pessoa de Cristo esta total abertura chega ao cumprimento²². Podemos concluir que na sua pessoa, manifesta-se o verdadeiro humano, encarnado e tornado possibilidade para todos os homens²³. Dessa forma ao manifestar o destino do homem, como indivíduo e como espécie, Jesus eleva todos os homens acima do mundo natural e das relações de violência

¹⁹ **CONCILIUM**, 1973/6, Número X, p. 734.

²⁰ PANNENBERG, W., **TS2.**, p. 239.

²¹ PANNENBERG, W., **TS2.**, p. 241, citando A. Ritschl: Die christliche Lehre Von der Rechtfertigung und Versöhnung III, 1883, p. 307.

²² *Ibidem*, p. 259.

²³ **Concilium**, 1973/6, Número X, p. 733.

da vida social, introduzindo-os na comunidade divina do amor e capacitando-os a amar tanto Deus como o restante da criação.

Essa postura de Pannenberg está em consonância com a apresentação paulina de Jesus Cristo como a figura escatológica, colocado em contraposição a humanidade adâmica. Devido a sua obediência a Deus e a sua vitória sobre a condição corruptível tem uma história de vida relevante para toda a humanidade²⁴. O que nos dá condição de dizer que o conceito de semelhança com Deus alcançado plenamente somente em Cristo tem a função de grampo, visto que Ele une o começo e o fim desse caminho, gerando unidade na história da humanidade²⁵. Dessa forma a relação da história de Jesus Cristo com o restante da humanidade está no fato de que Ele, ao assumir a realidade humana, a transforma²⁶.

Para o relato sacerdotal, Adão é de tal modo o primeiro homem, que sua história se repete em todos os indivíduos, constituindo na chave para o esclarecimento das condições do existir do gênero humano. Para a fé cristã, com o aparecimento de Cristo, todo ser humano precedente foi substituído por uma forma radicalmente nova de ser homem²⁷. Isso significa que a determinação de toda a humanidade depende da história especial deste único indivíduo, porque n'Ele entrou algo novo no mundo vital do homem. Algo que deu ao ser humano um conteúdo novo, ou seja, é essa nova finalidade e esse essencialmente novo que consistem na vitória sobre a morte, manifestada na sua ressurreição.

Jesus Cristo viveu a sua vida na co-humanidade, porque para Ele o centro de sua existência era o Deus que vem. Dessa forma na sua auto-diferenciação em relação a Deus, Jesus no cumprimento de sua missão, era um com Ele. Pois a auto-diferenciação do Filho eterno com respeito ao Pai pode ser entendida como fundamento de toda a sua alteridade diante de Deus²⁸. E deste modo a sua auto-diferenciação de Deus também consiste na origem histórica e na norma permanente daquilo que hoje é chamado personalidade do homem, pois no sentido

²⁴ PANNENBERG, W., **TS2**, p. 336.

²⁵ CONCILIUM, p. 735.

²⁶ Ibidem, p. 733.

²⁷ Ibidem, p. 734.

²⁸ PANNENBERG, W., **TS2**, p. 421.

de que o indivíduo não é pessoa apenas para si mesmo, mas como um eu contraposto a um tu²⁹. Assim o homem só é homem de fato através da sua relação com Deus, ao exercer a sua determinação para a união com Ele. Nisso consiste o seu ser religioso, pois a palavra homem exprime um conceito normativo, uma história orientada para uma determinação que se realizou somente em Jesus Cristo³⁰.

A auto-diferenciação com respeito ao Pai, a manifestação do Filho de Deus na sua obediência humana são os traços essenciais que caracterizam Jesus como o homem novo. O único homem que se submete em obediência, ao contrário de Adão que desobedeceu e perdeu a comunhão a que estava destinado³¹. A obediência levou Jesus até a situação de extrema separação de Deus e de sua imortalidade, quando na cruz o distanciamento de Deus alcançou a culminação última de sua auto-diferenciação com respeito ao Pai.

Por causa de sua obediência Jesus é exaltado, e também por causa dela Ele glorifica o nome do Pai, manifestando e viabilizando a obediência humana a Deus. Uma obediência que estava baseada na sua subordinação ao Pai desde a eternidade e possibilitou a sua *kenosis* (Fp 2,6-11), que significa a renúncia de igualar-se ao Pai. Em sua condição divina, ao ser obediente ao Pai, Jesus é glorificado por Deus que confirma sua divindade na ressurreição. Dessa forma na auto-diferenciação do Logos eterno com relação ao Pai, ou seja, no seu “ser-outro”, Jesus reconhece a Deus como o único Deus, convertendo-se na origem de toda a existência criada distinta d’Ele³². Jesus ao assumir a realidade humana, dá ao homem a condição de se auto-diferenciar de Deus não se fechando num egocentrismo egoísta, mas através de uma postura de obediência, abrindo-se e desenvolvendo comunhão com Ele.

Conclusão

²⁹ CONCILIUM, p. 747.

³⁰ Ibidem, p. 741.

³¹ PANNENBERG, W., TS2., p. 419.

³² Ibidem, p. 423.

Em Jesus surge na história humana uma nova forma de auto-diferenciação humana que não ofende a Deus, mas antes O reconhece e Lhe rende a glória devida. É por isso que a obediência de Jesus a Deus é paradigmática para todos os homens, pois a sua quenososis consiste no fundamento que lhe permite viver sua especial vocação ao serviço de Deus. Trata-se de uma nova liberdade que os crentes possuem pelo Espírito como filhos de Deus.

É a partir deste pensamento que Paulo vê Jesus Cristo como o novo Adão, a verdadeira imagem de Deus da qual todos nos revestiremos. Pois sendo o Filho preexistente de Deus que assume a realidade humana, dá ao homem o direito de desfrutar da sua condição de filiação³³. Então como verdadeiro Filho de Deus, Jesus é ao mesmo tempo o protótipo da filiação que todos hão de receber por Ele, filiação que concede o acesso imediato a Deus como Pai³⁴. Porque enquanto Filho, Jesus é também o novo Adão em quem se tem realizado definitivamente o destino do homem em configurar-se a imagem de Deus. Pannenberg conclui que essa nova forma de relação entre o homem e Deus tornada realidade no Filho é o paradigma a ser seguido para que todo homem possa então gozar da condição de filiação. Assim na história e na pessoa de Jesus se revela e se antecipa o destino futuro do homem, porque Jesus, precisamente pelo fato de ser o Filho eterno encarnado, deve ser entendido como o homem novo, escatológico³⁵.

4.2.2.

Jesus o Filho Preexistente do Pai

Em Jesus acontece a vinda do Filho eterno de Deus, que tem a missão de salvar o mundo. Essa concepção bíblica pode ser vista no anúncio do seu nascimento transmitido por um anjo, que endossa a filiação divina de Jesus na sua concepção por obra do Espírito³⁶. Mostrando que a relação de filiação de Jesus em

³³ Ibidem, p. 476.

³⁴ Ibidem, p. 479.

³⁵ Ibidem, p. 357.

³⁶ Ibidem, p. 342.

relação ao Pai é anterior a sua encarnação, o que nos dá também a base necessária para concluir que a sua condição como Filho de Deus é tão importante para sua missão terrena, a ponto de fazer com que a totalidade da sua história seja a expressão da missão do Filho eterno, que fica historicamente manifestada na vida concreta de Jesus de Nazaré.

Dessa forma podemos dizer que, pelo fato do relacionamento de Jesus com Deus ser anterior a sua encarnação, não seria possível a qualquer homem ser paradigma de comunhão com Deus³⁷. É por isso que a origem da filiação divina de Jesus só pode ser achada na eternidade de Deus mesmo, revelando a verdadeira importância das afirmações da preexistência³⁸. A relação filial de Jesus com o Pai é explicitada a partir da ressurreição dentre os mortos. No entanto, mostra-se também através das atitudes concretas de Jesus com o Pai ao longo de sua vida³⁹.

Sua condição de Filho e sua obediência ao Pai vão unidas, pois a obediente subordinação caracteriza a Jesus como Filho.⁴⁰ A relação filial é o paradigma para todos os homens seguirem, é através dela que se deu o auto-despojamento de Jesus que tornou viável a sua subordinação ao Pai⁴¹. Porque o tipo de relação que o Filho eterno tem com o Pai não é superável por nenhuma outra forma de relação com Deus, e consiste na comunhão com Ele em seu grau máximo⁴². Só em Jesus Cristo tem se manifestado plena e definitivamente a relação fundamental de filiação a que foi destinado o homem, pois n'Ele se fez carne o Filho Eterno de Deus⁴³.

Por conta disso a sua encarnação é um acontecimento que tem relevância para toda a espécie humana, pois nela acontece a concretização do destino do homem, destino que foi determinado na sua criação segundo a imagem e semelhança divina. Dessa forma em Jesus a relação entre criatura e criador é superada, deixando o nível de um relacionamento somente criatura e criador, ultrapassando o nível desfrutado pelos animais e pelas plantas e passando para o

³⁷ Ibidem, p. 414.

³⁸ Ibidem, p. 415.

³⁹ Ibidem, p. 416.

⁴⁰ Ibidem, p. 357.

⁴¹ Ibidem, p. 417.

⁴² Ibidem, p. 204.

⁴³ Ibidem, p. 358.

nível de filiação em que o homem é levado a se relacionar com Deus. Assim Jesus introduz o homem na dinâmica do amor, amor que conduz à comunhão com Deus e também à comunhão dos homens entre si⁴⁴.

Outra observação que podemos fazer é que a encarnação do Filho é de grande relevância para a divindade do Deus Trinitário, isso porque nela Deus tem se revelado ao mundo, e também introduzido a criação na comunhão trinitária⁴⁵. Os testemunhos bíblicos falam da importância crucial do Espírito, afirmando que foi por Ele que o Filho eterno adquiriu figura humana na pessoa de Jesus. Como também é por Ele que Jesus em sua ressurreição tem sido constituído Filho de Deus com poder⁴⁶, conduzindo a humanidade ao conhecimento de sua filiação à luz da confirmação e justificação divina de sua atuação pré-pascoal⁴⁷. Por isso a Sua ação nos crentes também é importantíssima, porque é por Ele que eles desfrutam da participação na filiação de Jesus Cristo.

Como as missões do Filho e do Espírito procedem do Pai, podemos falar de uma auto-realização do Deus trinitário no mundo através do cumprimento da missão na obediência pelo Filho capacitado pelo Espírito⁴⁸, pois no comportamento do Filho e na obra do Espírito tudo está a serviço da irrupção do Reino de Deus no mundo. A atuação vivificante do Espírito se refere neste contexto a Jesus porque Ele foi ressuscitado dentre os mortos pelo Espírito, garantindo também aos crentes a esperança da nova vida⁴⁹. Assim a glorificação do Pai e do Filho nos crentes por obra do Espírito orienta-se, portanto, para a reconciliação do mundo com Deus, fato que se acha ligado à superação de sua submissão à morte. A vitória será consumada pela participação na vida eterna que une o Filho ao Pai pelo Espírito já como futuro da criação realizado na ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Conclusão

⁴⁴ Ibidem, p. 363.

⁴⁵ Ibidem, p. 434.

⁴⁶ Ibidem, p. 358.

⁴⁷ Ibidem, p. 440.

⁴⁸ Ibidem, p. 437.

⁴⁹ Ibidem, p. 440.

O ponto central da pregação de Jesus é o Pai e a vinda de seu Reino, e não uma exaltação de sua própria pessoa tentando-se igualar a Deus. Mediante a auto-realização do Filho alcança-se também o destino da criatura, já que Ele torna viável a vivência da verdadeira autonomia em comunhão com Deus. A eterna auto-diferenciação com respeito ao Pai implicada na *kenosis* da encarnação, faz com que o Filho seja a origem da alteridade de uma realidade criada distinta de Deus⁵⁰. Assim, na alteridade manifestada em Jesus, o homem é redimido do extravio de sua independentização frente a Deus e libertado então da opressão, do poder, da corrupção e da morte. Só numa criatura como o homem que em sua alteridade se sabe referido a Deus pode expressar-se plenamente o auto-despojamento ligado à auto-diferenciação do Filho com respeito ao Pai. Desse modo na manifestação do Filho se ordena a reconciliação do homem com Deus e mediante ele com toda a criação⁵¹.

Dessa forma ao distinguir-se como puro homem e submetendo-se às exigências do Reino de Deus, a obediência do Filho corresponde à sua entrega ao Pai, oferecendo-se como sacrifício para a salvação do mundo (Ef 5,2). No entanto, Jesus foi condenado à morte mediante a acusação de fazer-se igual a Deus, pois a morte é o castigo do pecador e de sua loucura, de sua autonomia de Deus, visto que ela lhe devolve a sua finitude. Então como Jesus não merecia a morte de pecador, pois em momento algum como defende Fp 2, 6-9 fez-se igual a Deus, sua morte se deu em lugar dos pecadores⁵². Por isso ela deve ser entendida como um sinal de Deus sobre o pecado: na cruz a ausência de Deus no mundo alcançou seu ponto máximo no abandono de Deus sofrido pelo seu Filho. Em sua condição de Filho possivelmente Jesus sofreu mais profundamente que qualquer outro o abandono de Deus, e assim todo homem pode reconhecer na morte de Jesus a própria morte como preço da autonomia de sua vida finita frente a Deus.

4.2.3.

O Sentido Salvífico da Encarnação

⁵⁰ Ibidem, p. 361.

⁵¹ Ibidem, p. 362.

⁵² Ibidem, p. 418.

O Jesus histórico é o ponto de partida e critério de todas as afirmações cristológicas sobre sua pessoa. Esse tema se delinea com a primitiva interpretação cristã da pessoa e da história de Jesus de Nazaré como Messias de Deus. E o título de messias segundo a interpretação de Pannenberg implica a idéia de filiação divina, visto que desde o início da compreensão cristã o homem Jesus foi encarado como a manifestação na terra do preexistente Filho de Deus⁵³. Por conta disso o acontecimento pascal é o ponto de partida histórico da pregação apostólica e da cristologia da igreja, a partir daí elas fazem releitura ou sem prescindir ambas se apóiam na história pré-pascual de Jesus⁵⁴.

Desta forma os relatos cristológicos são considerados como expressão da interpretação de sua realidade histórica⁵⁵. No entanto a realidade humano-histórica de Jesus de Nazaré só pode entender-se adequadamente à luz da sua procedência divina. O envio do Filho pelo Pai e sua encarnação orientam-se para a salvação do mundo, daí a importância da peculiaridade humana de Jesus em sua atuação terrena e em sua história, pois abre o caminho do Reino de Deus entre os homens para que a comunidade humana seja renovada numa nova forma de se relacionar com Deus⁵⁶. Então a partir do princípio de que a encarnação representa o gesto amoroso de Deus⁵⁷, ela não pode ser vista como um acontecimento extrínseco ao ser humano, pois nela se manifesta o destino do homem como indivíduo e como espécie. Assim podemos afirmar que o destino do homem à comunhão com Deus, foi realizado definitivamente na encarnação do Filho, elevando cada homem concreto acima do mundo natural.

Desse modo supera-se o conflito gerado pelo pecado contra a criação, contra os demais homens e contra si mesmo. Porque os homens só podem alcançar a libertação do domínio do pecado e da morte quando pela ação do Espírito divino, configuram-se segundo a imagem do Filho⁵⁸. Então devemos entender que em Cristo acontece a realização do destino do homem, realização que traz a salvação

⁵³ Ibidem, p. 315.

⁵⁴ Ibidem, p. 406.

⁵⁵ Ibidem, p. 318.

⁵⁶ Ibidem, p. 441.

⁵⁷ Ibidem, p. 328.

⁵⁸ Ibidem, p. 314.

para ele. Resta-nos agora aprofundar essa questão, buscando entender cada vez mais claramente, como se dá essa reconciliação promovida por Ele na encarnação.

De início podemos reafirmar que em Jesus entra algo novo no mundo que de outra maneira seria impossível. Paulo defende que a encarnação de Jesus trouxe uma vida que supera a morte, superação manifestada cabalmente na sua ressurreição⁵⁹. Podemos dizer que antes de Jesus o homem não tinha um modelo claro para seguir, não tinha uma noção muito clara de seu destino. De modo que nele funda-se uma nova etapa da revelação divina (economia da salvação, que tem dois desdobramentos: o primeiro é sobre o próprio Deus e o segundo é sobre o ser do homem). Primeiramente mostrando em gestos concretos um Deus amoroso que incessantemente deseja se relacionar com o homem. Um Deus de amor incondicional que vai até o homem para salvá-lo. Em Jesus também a relação com Deus se realiza de forma plena, revelando também a essência humana e trazendo à tona questões que estavam implícitas dentro do próprio homem, a determinação específica que Deus gravou no homem em sua criação⁶⁰.

Assim a obra de Jesus foi trazer a salvação que deve ser entendida na prática como a reconciliação do homem com Deus⁶¹. Porque n'Ele se cumpre historicamente a determinação definitiva a que o homem está destinado, e a peculiaridade de Jesus em relação aos homens se dá no fato do senhorio de Deus sobre a sua vida, pois Ele se tornou o tema dominante da vida de Jesus⁶². Podemos então dizer resumidamente que em Jesus se manifesta a essência humana de duas formas: a primeira através da comunhão com Deus que n'Ele se concretiza, resultando na salvação escatológica; e a segunda através da sua ressurreição, que consiste na manifestação do destino do homem, a imagem do homem reconciliado.

Todo o itinerário terreno do Filho achava-se de antemão de acordo a providência divina: sua morte na cruz encontrava-se na seqüência contextual de

⁵⁹ Concilium, 1973/6, Número X, p. 737.

⁶⁰ Fundamentos de Cristologia, p. 237.

⁶¹ Segundo Irineu pela encarnação do Filho se tem cumprido o conjunto de ordem salvífica com respeito ao homem. Uma história de salvação que começou com a criação do homem e que tem achado sua consumação na recapitulação em Jesus Cristo do homem caído. Cf. Wolfhart Pannenberg, **TS2.**, p. 337.

⁶² PANNENBERG, W., **TS2.**, p. 366.

seu anúncio da proximidade e irrupção do Reino de Deus⁶³. Segundo Pannenberg a vinda de Jesus representa o amor de Deus. Esse tema está tão arraigado em sua pregação, que não pode ser separado de todo o restante de sua mensagem. Em sua missão de anunciar o Reino de Deus, ele experimentou o amor de Deus, porque a presença do Reino de Deus representa o amor salvífico divino, porque se relaciona com o perdão dos pecados, ou seja, na participação do amor de Deus que perdoa⁶⁴.

Pannenberg aprofunda a dimensão do amor no plano salvífico de Deus que se concretiza na encarnação de Jesus. Diz que o amor de Jesus não pode ser entendido somente como co-humanidade, mas primeiramente como participação no amor Deus para com o mundo, a saber, na participação na própria realidade de Deus. A compreensão paulina sobre a salvação corrobora essa posição assumida por Pannenberg, pois na ressurreição se manifesta a vida imperecível de Jesus. Resultando assim numa relação ininterrupta com a origem de toda vida, que é o Espírito de Deus. Para Paulo, o Espírito de Deus é o Espírito do amor de Deus manifestado na missão de Jesus, especialmente na morte de Jesus Cristo pelos pecadores. Portanto Espírito, amor e vida estão relacionados entre si.

O autor ressalta que ainda mais nitidamente que Paulo, João ligou o amor à presença de Deus que foi manifestada na missão de Jesus. Para ele a co-humanidade vivida por Jesus baseia-se no amor de Deus e recebe a partir daí orientação e sentido. Paulo falou de Cristo como segundo Adão não só em vista de sua nova vida de ressuscitado, como também em vista da obediência de Cristo à vontade amorosa de Deus⁶⁵. A formulação paulina de Jesus Cristo como o segundo Adão, implica ainda uma nova forma de relação social exercida orientada a comunidade dos homens. Por isso Jesus Cristo deve ser considerado como o protótipo de uma humanidade que tem de renovar-se à sua imagem, quer dizer, pela participação em sua obediência, em sua morte e ressurreição⁶⁶, pois Ele funda uma nova comunidade de homens no Reino de Deus, uma comunidade libertada do domínio do pecado.

⁶³ Ibidem, p. 485.

⁶⁴ CONCILIUM, p. 738.

⁶⁵ Ibidem, p. 740.

⁶⁶ PANNENBERG, W., **TS2.**, p. 344.

O texto paulino da segunda Carta aos Coríntios capítulo quinze, versos de vinte e dois a quarenta e cinco; mostra Jesus Cristo como o ressuscitado dentre os mortos, o homem definitivo que foi transfigurado pelo Espírito e repleto do amor, da vida imperecível de Deus⁶⁷. Isto porque nem o destino do homem à comunhão com Deus pode realizar-se numa relação isolada do indivíduo com Deus, nem tampouco pode realizar-se sem Deus numa vida de paz na comunidade⁶⁸. Quem aceita o anúncio do Reino de Deus não é já um excluído, pois tem parte na sua salvação e assim com a aceitação de Jesus e sua mensagem desvanece tudo o que o separa Deus⁶⁹. Ao reconhecer a soberania divina através do acolhimento da pregação e salvação manifestada em Jesus Cristo, o pecador é redimido e reconciliado, desfrutando então a comunhão trinitária e participando da vida eterna divina⁷⁰.

Conclusão

Do que vimos até aqui podemos dizer que, em Jesus, o homem pode participar de uma realidade de comunhão com Deus que até então não era possível, comunhão que ficou expressa nas suas atitudes, nas suas palavras que constituem na revelação que Ele trouxe de Deus. Pois o substrato de tudo o que Jesus fazia era a sua entrega amorosa a Deus, que serve de exemplo para todos os homens, além de torná-la uma realidade viável a todos eles. É por isso que a fé cristã se fundamenta na ressurreição de Jesus, relacionando-a com sua missão terrena e a morte na cruz.

Assim a interpretação que Paulo faz da morte de Jesus como sendo expressão do amor de Deus. É uma ação reconciliadora que produz, portanto, o perdão e a libertação da culpa dos pecados. A reconciliação significa então justamente a superação da oposição a Deus. Dessa forma na morte de Jesus é

⁶⁷ Ibidem, p. 356.

⁶⁸ Ibidem, p. 364.

⁶⁹ Ibidem, p. 372.

⁷⁰ Ibidem, p. 435.

Deus Pai quem tem atuado para a reconciliação do mundo, permitindo-nos dizer que o Pai e o Filho são sujeitos ativos na reconciliação.

Podemos concluir também que a história de Jesus antecipa o fim da história da humanidade, pois ela realiza o futuro de Deus, realizando também o destino do homem. Pois n'Ele o homem tem um modelo concreto de uma existência, que se auto-diferenciando de Deus, não cai no pecado do fechamento egoísta, mas permanece submisso a Ele, não se torna autônoma como foi o caso de Adão.